# RESILIÊNCIA E MENINOS EM SITUAÇÃO DE RUA: FATORES DE PROTEÇÃO E DE RISCO

Saulo Santos Menezes de Almeida[1]
Anne Caroline Almeida Silva[2]
Catarina Pina Camandaroba[3]

**Resumo**: A Resiliência pode ser compreendida como um processo dinâmico, no qual a possibilidade de enfrentar fatores de risco e aproveitar os fatores protetivos torna o sujeito resiliente. Este trabalho fornece uma compreensão do contexto dos meninos em situação de rua numa interação direta com o ambiente. Tratou-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, com o objetivo de investigar quais os fatores de risco e proteção que interferem no processo de resiliência nos meninos em situação de rua na cidade de Feira de Santana, na Bahia. Participaram três crianças em situação de rua. Através da inserção ecológica, foi analisada a influência dos fatores de risco e protetivos sobre três categorias relevantes: educação, relacionamento e lazer. Pode-se constatar a prevalência dos fatores de risco sobre os fatores de proteção na vida dos sujeitos pesquisados. Dentre os fatores de risco mais proeminentes na pesquisa destacaram-se a família coercitiva, brincadeiras, falta de uma rotina temporal, grupo de amigos, escola, facilidade em ganhar dinheiro, personalidade da criança, e falta de cuidados básicos.

**Palavras-chave**: Resiliência. Meninos em situação de rua. Fatores de proteção. Fatores de risco.

## INTRODUÇÃO

O mundo, com suas diversas transformações sociais, políticas e econômicas, tem trazido à tona diversas questões que se tornam problemáticas, pois estas ocorrem de forma muito rápida e dinâmica, atingindo aspectos de diversas naturezas que influenciam diretamente a vida e o desenvolvimento social e psicológico dos indivíduos envolvidos, sejam ele idosos, jovens ou crianças.

E, com desta constatação, os estudos sobre os impactos das situações de riscos sociais, políticos e econômicos sobre as crianças vêm acontecendo, e pesquisadores perceberam que não há uma compreensão de bons resultados alcançados pelas crianças de alto risco

[1] Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Adjunto da Universida de Salvador e da Faculdade Nobre em Feira de Santana. E-mail: saulosma@hotmail.com.
[2] Graduada em Psicologia pela Faculdade Nobre, Feira de Santana - BA.
[3] Graduada em Psicologia pela Faculdade Nobre, Feira de Santana - BA.

(MASTEN, 2009), ainda que se tenha avaliado que situações adversas ameaçam a vida psicológica de crianças, uma vez que o estresse e o risco podem levá-las a problemas emocionais ou de conduta e são preditores de competência na adolescência ou fase adulta. Desta forma, não se pode deixar de averiguar que, apesar destes riscos e situações adversas, as crianças respondem de maneira diferente, pois os processos de adaptação e superação diferenciam-se entre elas, principalmente devido à competência social (CECCONELO; KOLLER, 2000). Essa capacidade de adaptação aos fatores de riscos e competência social é denominada pelos diversos autores que a estudam como Resiliência (RUTTER, 1996), e o conjunto de esforços cognitivos e comportamentais para lidar com as situações de estresse que excedem os recursos pessoais, de *coping* (DELL'AGLIO; HUTZ, 2002).

O conceito de resiliência surge também do novo ramo de estudos da Psicologia que é a Psicologia Positiva, que busca o estudo das emoções positivas, do caráter positivo e das instituições positivas (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000), aspectos até então pouco referenciados na literatura, tendo Martin E. Seligman como precursor desta abordagem. A ideia era demonstrar como eventos de vida negativos produziam atrasos no desenvolvimento e desordens psiquiátricas. Mais tarde, o enfoque mudou para a conceitualização dos vários tipos de eventos de vida e como as perdas pessoais e as ameaças ambientais levavam a problemas psiquiátricos (RUTTER, 1996). Ser resiliente significa, portanto, ajustar-se às diferentes condições de exploração, abuso e dominação (POLETTO; KOLLER, 2006).

Resiliência, portanto, por ser um conceito complexo e, ao mesmo tempo, dinâmico, é composta por diversos fatores que podem influenciar nesse fenômeno, de acordo com Masten (2009). Os fatores de risco individuais são compreendidos como variáveis que abarcam características como gênero, problema genético, carência de habilidades sociais, intelectuais e características psicológicas limitadas, e os fatores de risco ambientais caracterizam-se por eventos de vida estressante, ausência de apoio social e afetivo e o baixo nível socioeconômico (KOLLER; PALUDO, 2005). Já os fatores de proteção são associados aos recursos individuais que reduzem o efeito do risco, diferenciam-se e dependem da idade, pois alguns tipos de eventos ou relacionamentos são mais importantes em determinada faixa etária (SAPIENZA; PEDROMÔNICO, 2005).

Mediante isso, pensando nas condições socioeconômicas em que meninos em situação de rua encontram-se, estes se tornam um público com alto índice de vulnerabilidade, sobrevivendo a constantes fatores de risco, que abarcam a violência, a ausência de adultos

cuidadores, as drogas, a falta de cuidados básicos, maus-tratos, abandono familiar, como também pobreza e família coercitiva (KOLLER; PALUDO, 2005). Os fatores protetivos, para estas crianças, também denominados de fatores de proteção, são as brincadeiras, o brincar e o grupo de amigos, mas também, a personalidade da criança, família, experiências de aprendizagem, exposição reduzida ao risco e as experiências compensadoras proporcionadas pelo ambiente ou situação, bem como o apoio social fora da família.

Compreende-se que os meninos em situação de rua, para manterem-se no ambiente, por muitas vezes, desenvolvem estratégias para lidar com circunstâncias de risco eminente, que podem torná-los vulneráveis. A vida na rua gera altos níveis de estresse, riscos frequentes e intensos e testam permanentemente a vulnerabilidade emocional, social, física e cognitiva/educacional da criança. No entanto, exigem que ela seja resiliente e desenvolva estratégias, tenha forças para lidar com o infortúnio e para se adaptar.

Um dos aspectos fundamentais ao desenvolvimento social relaciona-se com o senso de pertinência e identidade social. A realidade a que as crianças em situação de rua estão expostas denuncia sua exclusão e marginalidade. Além da exclusão, estas crianças estão expostas ao crime ou à violência da rua. Uma estratégia para superar essas dificuldades é estabelecer relações de amizade que sejam protetivas, mesmo que instáveis e erráticas, mas que possibilitem alguns cuidados mútuos e reciprocidade.

Meninos em situação de rua são públicos com alto índice de vulnerabilidade, devido à circunstância em que vivem, sobrevivendo a constantes fatores de risco. A vida na rua é considerada um fator de risco relacionado com as consequências negativas para o desenvolvimento saudável de crianças, onde se fazem presentes fatores como a violência, a ausência de adultos cuidadores, as drogas, os perigos e a falta de cuidado básico. Atualmente, existe uma visão mais dinâmica, em que o risco passa a ser visto como uma variável vinculada diretamente ao resultado provocado. Assim, pode-se afirmar que a mesma variável provoca resultados diferentes para a mesma pessoa em momentos diferentes do seu desenvolvimento ou, ainda, pode causar determinados resultados a uma pessoa e a outra não. Por exemplo: a rua pode influenciar negativamente no desenvolvimento de uma criança, mas, ao mesmo tempo, promover nela algumas habilidades (KOLLER, 2004).

## 1 MÉTODO

## 1.1 Amostra

A amostra foi aleatória e por conveniência, composta por meninos e meninas em situação de rua, entre 8 e 11 anos de idade, que tinham a rua como ambiente de moradia e contexto de socialização. Esta idade escolhida para a amostra se deu pelo fato de que as crianças nesta idade possuíam um maior desenvolvimento cognitivo para participar das entrevistas. Portanto, como participantes, fizeram parte da amostra referente à pesquisa, três crianças em situação de rua com idades de nove, dez e onze anos, com vínculo familiar estabelecido, como também com o ambiente de rua. A rua como ambiente de moradia e socialização envolve relações de trabalho, educação, relacionamentos, lazer, entre outras atividades. Levou-se em conta a vinculação com a família, o local onde se encontravam e a ausência de um adulto responsável.

## 1.2 Instrumentos

a) Observação: a observação foi realizada e registrada por meio de fotos e diários de campo, numa tentativa de identificar os locais mais frequentados, os horários, a influência de eventos, as brincadeiras e atividades desenvolvidas. Nesta observação, portanto, buscou-se como se deu a rotina dos meninos em situação de rua, suas atividades e em quais horários elas aconteceram, facilitando a inserção ecológica e realização das conversas informais e entrevistas.

b) Entrevistas e Conversas informais: através do contato direto com as crianças proporcionado pela inserção ecológica, foram gravadas as conversas informais durante o convívio com as crianças. Através das conversas informais, a entrevista foi realizada, de forma aberta, facilitando a obtenção de dados no espaço de rua. Portanto, não houve a necessidade de construção de questões antes da inserção ecológica. As entrevistas, no entanto, foram orientadas para a coleta de dados referentes às características individuais, eventos de vida e as atividades no momento. Destacaram-se as relações de trabalho, educação, relacionamentos e lazer. Essas conversas tornaram-se relevantes por trazerem à tona informações e questões particulares que somente em situação de maior intimidade emergiriam.

## 1.3 Procedimentos

Para o início do trabalho de campo e coleta de dados sobre os meninos em situação de rua, procurou-se a Secretaria de Desenvolvimento Social com o propósito de buscar informações a respeito do procedimento para a inserção no ambiente de rua. Foi solicitado um ofício para visitar as instituições responsáveis por esses meninos. Em seguida visitou-se o *Espaço Rua? Tô Fora!* (Casa de passagem), mediante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) através do qual se pôde conhecer o funcionamento institucional, como também os principais responsáveis pelo mesmo, capazes de nortear a coleta de dados, informando os possíveis lugares que estas crianças em situação de rua poderiam frequentar.

Por conseguinte, mediante o TCLE, foi visitado o Conselho Tutelar, com o objetivo de informar a prática do projeto de pesquisa, como também buscar um responsável que pudesse nortear as etapas referentes ao campo pesquisado. Após as orientações proporcionadas por tais visitas, encontraram-se possíveis locais onde essas crianças em situação de rua poderiam ser localizadas. Os seguintes locais da cidade de Feira de Santana-BA foram: a Praça de Alimentação do centro da cidade, o Centro de Abastecimento, a Praça e o Transbordo da Cidade Nova, a Feira da Estação, a Praça do Tomba e, por fim, a Praça da Matriz. Entretanto, foi uma busca sem êxito, pois não foi encontrado o público alvo. Desta forma, o local escolhido foi uma sinaleira de trânsito em um cruzamento, endereçado no centro da cidade, onde foi possível deparar-se com algumas crianças em situação de rua.

## 1.4 Aspectos éticos

A pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua apresentou algumas particularidades éticas. Assim, a pesquisa foi realizada mediante apresentação clara dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa para os participantes e também para o Conselho Tutelar e/ou Secretaria de Desenvolvimento Social do município, que autorizaram o processo de observação e fizeram o processo de acompanhamento e assessoramento das atividades. Esta pesquisa também foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Nobre de Feira de Santana[4]. Assim, garantiu o sigilo e proteção do público-alvo, não ofereceu

[4] End.: Rua Paulo VI,62 Queimadinha – Feira de Santana – Bahia. Tel: (75) 3226-5150; 2102-9107/ 9105. E-mail: cep@gruponobre.net.

recompensa pela participação, entretanto, disponibilizou formas de assistências sociais e psicológicas para os participantes. Portanto, a ênfase maior foi no cuidado e proteção da criança do que na obtenção de dados. Quanto à questão de registro fotográfico e de áudio, foi respeitado o sigilo, como também o anonimato da criança, sendo descartados após a pesquisa.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente trabalho foi realizado a partir da inserção ecológica, desenvolvida em três etapas: observação, inserção ecológica e entrevista, sendo elas praticadas de maneira flexível, já que nossas amostras (as crianças em situação de rua) não tinham horário nem lugar fixo de permanência. A intenção primordial do trabalho foi de compreender a forma pela qual os fatores de risco e protetivos presentes no ambiente de rua influenciavam a capacidade de resiliência de crianças nessa situação. Neste intuito, realizou-se a identificação dos fatores relevantes na vida dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa. As três etapas foram desenvolvidas de maneira consecutiva, mediante contato com a amostra. Foram realizados seis encontros, nos quais se desempenharam o processo de observação, inserção ecológica, e entrevista.

A primeira etapa de observação foi alcançada em diversos locais da cidade de Feira de Santana-BA, em busca de crianças em situação de rua, com idade e características específicas da nossa amostra, como também capazes de contemplar a terceira etapa, respectiva à entrevista. A segunda etapa, a inserção ecológica, se deu por uma aproximação constante após a observação processual, sutil e espontânea do ambiente em que os meninos em situação de rua estavam inseridos.

No processo do trabalho referente à coleta de dados deparou-se com variáveis advindas do próprio ambiente de rua, salientado a escassez de lugares que proporcionassem a existência de meninos em situação de rua em espaços e horários fixos. Contudo, foi possível o desenvolvimento da pesquisa, que foi proporcionada pelo princípio de adaptação referente às variáveis encontradas.

A realização da coleta de dados se deu em uma sinaleira de trânsito em um cruzamento, endereçado no centro da cidade e arredores, composto por banca de revista, lava jato, bares, e comércios, onde o comportamento mais frequente praticado pelos meninos em situação de rua era o de pedir dinheiro aos pedestres e aos condutores de veículos que

circulavam no local. As observações tiveram como foco os locais mais frequentados, os horários, a influência de eventos, as brincadeiras e as atividades desenvolvidas pelos meninos em situação de rua. Tratando-se das entrevistas e conversas informais, três aspectos foram enfatizados, sendo estes: as características individuais, eventos de vida e atividades no momento desses sujeitos, através dos quais foram destacadas quatro categorias: relações de trabalho, educação, relacionamento e lazer.

Desta forma direcionou-se o trabalho com um dos focos nas informações referentes à história de vida dos sujeitos pesquisados, através das observações, conversas informais e entrevistas, a partir da coleta de três casos, que foram traçados com o intuito de promover uma melhor visibilidade das particularidades de cada criança, conforme relatos breves a seguir.

**2.1 Caso 01**

G. foi a primeira criança em situação de rua a fazer contato. É do sexo feminino, possuía onze anos de idade, estatura mediana com relação à faixa etária, negra. Com a aparência de meninos em situação de rua, apresentava-se fisicamente descalça, com as roupas sujas, sem higiene pessoal. G. cuspia bastante, comportava-se de maneira arredia, desconfiada com relação à aproximação das pesquisadoras e com o esclarecimento a respeito da pesquisa. Com postura de liderança, a mesma determinava a rotina do grupo. G. afirmou que mora com os pais e irmãos (não mencionou a quantidade, nem nomes). Fez referência a uma irmã de vinte anos, com gravidez de risco, e afirmou, por algumas vezes, que em breve visitaria essa sua irmã na companhia da mãe. Relatou não gostar de passar o dia inteiro na rua, entretanto, completou que apenas está neste ambiente para pedir dinheiro.

Com o dinheiro arrecadado na rua, afirmou comprar salgadinho, doces, refrigerante como também jogar videogame, sendo o jogo preferido dela GTA, que possui características de violência, pois é um jogo que faz menção ao comportamento de matar. G. disse que não estava estudando. Comentou já ter estudado, porém, a mesma não sabia dados referentes à escolaridade.

Durante grande parte das ocasiões G. estava com a aparência desconfiada, e no decorrer de outros encontros apresentava-se mais aberta à relação. No quarto momento, estava chovendo, e ao observar o comportamento de G., foi perceptível que ela pulava e corria

sorrindo na chuva, aparentemente divertindo-se. Com referência ao seu cotidiano, afirmou ter como lazer assistir desenho animado na casa de B. Contou que à noite não circulava por outros locais, mencionando perigo. G. não considera o comportamento de pedir dinheiro na rua como trabalho.

**2.2 Caso 02**

B. é do sexo masculino, negro, e afirmou possuir nove anos de idade. Apresentou-se descalço, com pouca higienização pessoal, com parte do cabelo tingido de loiro escuro. B. sorria constantemente, como também se mostrou em grande parte dos encontros de maneira flexível, respondendo abertamente as perguntas direcionadas ao mesmo.

No primeiro momento B. comportou-se de maneira curiosa, solicitou a explicação a respeito da pesquisa; com postura apaziguadora, B., por muitas vezes tranquilizava G., explicava o que entendia em relação à proposta das pesquisadoras. Afirmou que coabita com a mãe e mais onze irmãos. Detalhou serem cinco homens, e três mulheres. B. é primo de G., moravam perto, e circulavam pelas ruas, além de brincar e sair sempre juntos. B. relatou que não estudava e, assim como G., frequentou a escola durante um período e não especificou o tempo. Atualmente, durante o turno matutino e vespertino, frequenta as ruas, principalmente o espaço onde foi desenvolvida a inserção, com o objetivo de pedir dinheiro; o mesmo salientou que circular entre os carros não é perigoso.

Mencionou que, quando consegue o primeiro cinco ou dez reais, deixa as ruas e vai jogar videogame na companhia de G. Relatou que o seu jogo preferido é o GTA, completando ser um jogo de matar e atirar. Afirmou que parte do dinheiro entrega para sua mãe, com intuito de encher o bujão ou comprar alguma comida. Entretanto, comentou receber reclamações e agressão físicas da mãe ao saber que estava na rua. Contou que também pede dinheiro em alguns viadutos e feiras. Referiu que, onde reside, é distante do local onde pede dinheiro, portanto, geralmente na vinda, deslocava-se a pé e, na volta, de ônibus. Concluiu afirmando que não paga a passagem, pois entra pelo fundo, e o cobrador não se posiciona a respeito. Durante a maioria dos encontros B. apresentou-se sorridente, correndo entre os carros, em busca de dinheiro. Por vezes dava cabriolas e, em momentos, corria atrás de G., divertia-se na rua. B. não considera o comportamento de pedir dinheiro na rua como trabalho.

**2.3 Caso 03**

No terceiro encontro com os meninos em situação de rua, foi realizado o contato com M., do sexo masculino, com idade de nove anos, negro, e com estatura física pequena em relação à idade. Apresentava-se descalço, sem camisa, usando boné, com pouca higienização pessoal.

Encontrava-se sentado na grama do posto de lavagem ao lado da sinaleira, comia uma esfirra e, ao terminar, direcionou-se aos veículos parados no sinal, e assim pedia dinheiro; por vezes escondia-se entre os arbustos e deitava na grama. M. acompanhou uma borboleta com os olhos. Ao fazermos contato, o mesmo nos recebeu, e foi iniciada uma conversa informal. M. afirmou não saber o seu nome completo, e ficou confuso em relação à idade. Contou que reside com os pais e irmãos, completando ter onze irmãos, afirmando ainda ser irmão de G. M. relatou que não gostava de ficar na rua. Inicialmente mencionou frequentar a rua somente para brincar, ficar pulando, dando cabriola e comprando geladinho, e disse brincar com B.

Atualmente M. não estuda. Suscitou que estudou um período, não recordou há quanto tempo não frequentava a escola; a respeito da mesma, concretizou em fala que tinha momentos em que se sentia irritado, pois a sua irmã o obrigava a ir para a escola, mas ele não gostava. Por esse motivo, explicou que sujava a farda para não ir; afirmou sentir raiva da escola, justificando que os colegas o agrediam fisicamente e verbalmente, ora revidando, ora não. Quando não está na rua, mencionou brincar, se alimentar de lanches, e comprar doces. M. apresentou dificuldades em falar como conseguia dinheiro. O mesmo não afirmava que pedia dinheiro na sinaleira, embora era visível tal comportamento, e expressou sentir-se envergonhado ao falar sobre como conseguia dinheiro. Contou que jogava videogame com G. e B., fez menção ao mesmo jogo citado por eles, referindo ser um jogo agressivo. M. contou que, além de frequentar a sinaleira, circulava por feiras e disse olhar veículos que se encontravam estacionados, além de pedir dinheiro.

Mediante a sistematização da história de vida referente aos casos apresentados, as categorias foram selecionadas a partir da fundamentação teórica, de acordo com os trabalhos anteriores com meninos em situação de rua, como também pelos dados obtidos em nossa pesquisa de campo.

No decorrer da inserção ecológica, destacou-se a dualidade de que a família funcionava tanto como fator de risco como fator de proteção para essas crianças,

influenciando diretamente no relacionamento desses sujeitos, sendo esta uma das quatro categorias apresentadas no trabalho. Quanto à família coercitiva, a mesma causava impacto na educação formal ou informal dessas crianças em situação de rua, uma vez que funcionava como um processo proximal de disfunção, pois contribuía para a dificuldade de manter o controle e a integração do comportamento dessas crianças no ambiente de rua (BRONFENBRENNER, 1999).

Segundo a fala de B. *"ela reclama e bate na gente, mas pega o dinheiro, depois nós volta pra pedir mais"*. O mesmo referiu a mãe, caracterizando assim uma influência coercitiva na educação informal; enquanto que M., ao ser questionado a respeito da escola, caracterizou em fala a família com uma influência coercitiva na educação formal: *"Faz um bocado de tempo que eu não vou mais", como também em outro discurso afirmou "mas tinha hora que eu ficava retado, porque minha irmã colocava eu pra ir pra escola porque eu num queria ir"*.

Foi perceptível que os sujeitos pesquisados não especificavam aqueles que se relacionavam, assim como não se comportavam adequadamente em relação às exigências sociais, reproduzindo o exemplo familiar ou a falta deste. A família apareceu como um fator protetivo, na medida em que é considerada como um grupo social básico do indivíduo, cuja função e estrutura são determinantes em seu desenvolvimento, como também a interação satisfatória entre irmãos, sugerindo um relacionamento próximo de parceria e ajuda mútua entre os mesmos, promovendo a resiliência destes, como também aumentando a capacidade destes de enfrentarem as diversidades na idade adulta (POLETTO et al., 2004).

Então, essa perspectiva teórica pôde ser identificada através dos caracteres, explicitados acima, na relação dos sujeitos pesquisados. Funcionou como um processo proximal com efeito de competência, pois estes familiares (irmãos e primos) adquirem um com o outro conhecimento, capacidades e habilidades para conduzir e direcionar seus próprios comportamentos. B. expressou-se, em relação a G., através da fala*: "a gente mora um perto do outro, a gente é primo, nós vem sempre junto pra cá, a gente sai e brinca"*, influenciando também na educação indireta.

Com referência às brincadeiras, as mesmas influenciavam a educação desses sujeitos, já que funcionavam como contribuição para a permanência no ambiente de rua e afastando-os da escola, pois para os mesmos brincar era satisfatório, e estudar não. Tal percepção foi compreendida através da fala de M.: *"venho pra rua ficar brincando e para comprar*

*geladinho"*, e mencionou: *"eu ficava com raiva da escola, porque os meninos me batia e eu não podia bater neles não"*, exemplificando assim a educação formal. Assim como as brincadeiras foram citadas por muitas vezes nos discursos dessas crianças, salientavam a presença de jogos violentos, que influenciavam a educação informal. Em fala, B. discursava a respeito do seu jogo preferido: *"aquele jogo de matar e atirar"*, além do que foi observado em um encontro, a forma agressiva de brincar, e posicionar em relação uns aos outros, com referência a brincadeiras de luta, e de atirar objetos com força.

A falta de uma rotina temporal foi expressa através da fala dos três meninos em situação de rua. Em relação à frequência e rotina de irem à escola, G. afirmou: *"nós não estuda não, nós estudava"* e assim referiu não saber mais a respeito do tempo em que frequentava a escola, enquanto que a fala de M. fazia menção à temporalidade com relação à rotina: *"não faço mais nada, só faço tomar banho, dormir e passeia"*. Assim, essa falta de rotina temporal influenciou a educação formal e informal dessas crianças, sendo característica ou disposições comportamentais que impediram que ocorressem os processos proximais de forma sistemática nos mesmos.

De acordo com a categoria de relacionamentos foram identificados quatro fatores de risco capazes de impactar tal categoria: facilidade em ganhar dinheiro, família coercitiva, personalidade da criança e falta de cuidados básicos. A facilidade em ganhar dinheiro influenciava os relacionamentos desenvolvidos pelas crianças em situação de rua, funcionava como o contexto de microssistema, já que expressava a maneira como a criança percebe o ambiente como facilitador para manter o comportamento de ganhar dinheiro. M., a respeito, mencionou: *"olho carro e moto, eu chamo a pessoa e falo to olhando viu, ai a pessoa dá dinheiro, cinquenta centavos, um real ou vinte e cinco"*.

Como fator protetivo, foi constatado que o grupo de amigos referente aos meninos em situação de rua era composto por familiares. Tal grupo foi compreendido como efeito de competência caracterizado pela aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades para conduzir e direcionar seu próprio comportamento, havendo um aprendizado e ensinamento mútuo de como lidar com o meio social. Assim, foi compreendido que o grupo de amigos influenciava a educação desses sujeitos. Foi destacado o comportamento de influência de uns aos outros em relação à educação formal e informal, pois os mesmos frequentavam o espaço de rua juntos, evitando a aproximação à instituição escolar.

Mediante a categoria referente ao lazer, foi reconhecido um fator de risco que influenciou nesta categoria: a facilidade em ganhar dinheiro. Este fator de risco afeta no lazer na medida em que, na perspectiva destas crianças, o mesmo foi relacionado principalmente ao comportamento de jogar videogame. O contexto do microssistema de rua induzia-os a pedir dinheiro para o tipo de lazer que lhes era prazeroso. A facilidade em ganhar dinheiro implicou na permanência das crianças na rua. B. afirmou: *"com esse dinheiro, a gente compra doce, refrigerante"* e G. completou: *"e também, nós vamos no videogame jogar"*.

Com relação a traços de personalidade da criança, foi identificada a influência no relacionamento aprendido no ambiente, assim como o grupo de amigos. Observou-se que, na maioria dos encontros, B. apresentava-se aberto para relacionar-se e comunicativo, respondendo prontamente aos questionamentos direcionados ao mesmo, aos bate papos informais, enquanto G. e M. apresentavam-se de maneira mais rigorosa, por muitas vezes demonstrando desconfiança.

Os fatores de proteção que influenciaram a categoria lazer foram identificados como grupo de amigos e brincadeiras. Na fala de M., o mesmo expressa que *"B. é meu primo, G. é minha irmã, eu vou beber água e descansar e esperar B."*. Deste modo, M. reforçou em sua fala o tipo de relação de companheirismo e amizade que tinha com B. e G., mas também que gostava de brincar com eles. Na categoria lazer o fator de proteção brincadeira funcionou na vida dessas crianças como processos proximais de competência, pois se caracterizaram como aquisição de conhecimentos e habilidades para conduzirem o próprio comportamento (BRONFENBRENNER, 1999). Essa observação pôde ser comprovada através do discurso de B.: *"a gente brinca de pega-pega, de dar cabriola"* e G. completa: *"e de videogame também"*, M.: *"gosto de brincar, de ficar pulando, dando cabriola, e ficar brincando de derrubar no capim"*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de novo, o conceito de resiliência tem se destacado no âmbito teórico, citada por diversos autores. Através da inserção ecológica, consequentemente, este estudo teve suas importâncias científicas e sociais associadas. Ao mesmo tempo, buscou alcançar uma melhor compreensão dos fatores de risco e de proteção que influenciaram a resiliência na vida dos sujeitos pesquisados, promovendo assim, o auxílio no processo de reflexão sobre o

desenvolvimento social referente aos meninos em situação de rua, relevando o apoio dos serviços públicos em geral e políticas públicas.

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar quais os fatores de risco e proteção que interferiram no processo de resiliência nos meninos em situação de rua na cidade de Feira de Santana – BA, tendo-o alcançado. Foi salientada a prevalência dos fatores de risco advindos do ambiente de rua, assim como a importância do lazer e a forma como é conquistado pelas crianças da amostra.

Foram encontradas dificuldades que perpassaram pelo encontro de ambientes com meninos em situação de rua no início da pesquisa, devido à constante atuação do conselho tutelar e casa de passagem, com ações que garantem a proteção e o afastamento desses sujeitos do espaço de rua, sendo antes disso visualizada, com frequência, a circulação das crianças em tais espaços.

Apesar dessas dificuldades, o trabalho foi realizado e atendeu aos objetivos propostos, mesmo havendo variação em relação ao modelo pré-estabelecido de observação, inserção ecológica e entrevista, assim realizados de maneira simultânea com a pequena amostra. Diante dessas questões, o trabalho tornou-se peculiar e incapaz de conceber a complexidade do ser humano, de sua subjetividade e dimensão simbólica. Então, torna-se necessário dar continuidade ao mesmo, com intuito de aprimorá-lo.

## RESILIENCE AND CHILDREN IN STREET SITUATIONS: PROTECTIVE FACTORS AND RISK

**Abstract**: Resilience is a dynamic process, which the possibility of facing risk factors and taking advantages of the protective factors makes the individual resilient. This research aimed to provide a better understanding of the street children context in a directive interaction with the environment. It was a field research with a qualitative nature, purposing investigate the risk and protective factors that influences on the street children's resilience process who live in Feira de Santana – BA. The participants of this research were three street children. It analyzed the influence of the risk and protective factors on three relevant categories: education, relationship and leisure, and how it worked through the Ecological Approach elements (person, process, context and time). It is evident the prevalence of the risk factors above the protective factors in the researched individual's life. Among the most prominent risk factors in the research, the highlights were the coercive family, games, lack of a time routine, group of friends, school, easiness money gain, child's personality and lack of basic care.

**Keywords:** Resilienc. Street children. Protective factors. Risk factors.

**Referências**


BRONFENBRENNER, Urie. Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In. FRIEDMANN, S. L.. WACKS, T. D. (orgs.), **Measuring environment across the life span:** emerging methods and concepts. Washington, DC: American Psycological Association, 1999.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Silvia Helena. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. **Estudo de Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 71-93. 2000.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; HUTZ, Claudio Simon. Estratégias de coping de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e adultos.**Psicologia USP**, v. 13, n. 2. 2002.

KOLLER, Sílvia Helena. **Ecologia do desenvolvimento humano pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MASTEN, Ann. Ordinary Magic: Lessons from research on resilience in human development. **Canadian Education Association**, 2009.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência na rua: um estudo de caso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.21, n.2, mai/ago. 2005.

POLETTO, Michelle; KOLLER, Silvia Helena. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO, D. D.;YUNES, M. A. **Resiliência e Psicologia Positiva:** interfaces do risco à proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

POLETTO, Michele et al. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília. v. 20, n.3, p.241-250, set/dez. 2004.

RUTTER, Michael. Psychosocial resilience and protective mechanisms. In: ROLF, J.; YUNES, A. S.; M. A. M. Psicologia Positiva e Resiliência: o foco no Indivíduo e na Família. **Revista Psicologia em Estudo,** v. 8, p. 75-84, 1996.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcandes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.10, n.2, p.209-216, mai/ago. 2005.

SELIGMAN, Martin; Csikszentmihalyi, Mihaly. Positive Psychology: an introduction. **American Psychologist**, 55, p. 5-14. 2000.

ZIMMERMAN, M.; ARUNKUMAR, R. Resilience research: Implications for schools and policy. **Social PolicyReport**, 8, p. 1-18, 1994.